

A ÁFRICA que nos ENSINA e a EPT que QUEREMOS CONSTRUIR



INSTITUTO
FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA
E TECNOLOGIA
Minas Gerais



ProfEPT

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGIA



RAÍZES QUE ENSINAM.
CONHECIMENTO QUE TRANSFORMA.
FUTUROS QUE LIBERTAM.

Raquel Pontes
Matheus Faleiros Silva

P814r Pontes, Raquel Silva Fernandes.

A África que nos ensina e a EPT que queremos construir/ Raquel Silva Fernandes Pontes–
2026.
44f.:il.col.

ISBN 978-65-02-34806-2.

Orientador: Matheus Faleiros Silva

Produto Educacional (mestrado) – Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Branco, Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), 2026.

1. Educação afrocentrada. 2. Educação Profissional e Tecnológica. 3. Lei 10.639/2003. 4. Epistemicídio. 5. Currículo Integrado. I. Silva, Matheus Faleiros. II. Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Branco. III. Título.

CDU: 371.382

Catálogo: Márcia Margarida Vilaça - CRB-6/2235 Biblioteca do Instituto Federal de Minas Gerais,
Campus Ouro Branco

SUMÁRIO

Um convite a olhar para a África	3
Por que esta cartilha é necessária?	4

PARTE I – FUNDAMENTOS

O que é Educação Afrocentrada?	6
O Epistemicídio e o Apagamento da Herança Africana	7
A Importância da Formação Integral e Cidadã na EPT	8

PARTE II – LEGADOS E SABERES

Bloco 1: Ciência e Tecnologia

A Metalurgia	12
Matemática e Astronomia	13
Geometria, Álgebra e Fractais em Kemet	14
A Precisão da Astronomia e a Medição do Tempo	15
Arquitetura e Engenharia na África: Egito e Núbia	16
Arquitetura e Engenharia na África: Aksum	17
Arquitetura e Engenharia na África: Grande Zimbábue e Kilwa	18
Arquitetura e Engenharia na África: África Ocidental	19

Bloco 2: Filosofia e Valores

Os Itans: Lições de Vida e Ancestralidade	21
Os Orixás: Princípios Civilizatórios e a Ética do Viver	22
Ogum: Arquétipo da Ciência	23
Oxum e Obatalá: Ética do Cuidado e Serenidade Ativa	24
As Grandes Mães Ancestrais e a Sustentabilidade	25

Bloco 3: Arte e Simbolismo

A Memória em Movimento: Música, Dança e Máscaras como Arquivos Vivos	27
Arte, Design e a Geometria dos Símbolos: A Escrita e a Comunicação Africana... ..	28
Os Tecidos que Falam: Conhecimento Químico, Matemático e Identitário	29

PARTE III – REFLEXÕES PARA A ORGANIZAÇÃO DE UMA EPT AFROCENTRADA

Implementação da Lei 10.639/2003 na EPT	30
Orientações gerais para o professor	31
Como conectar com as disciplinas técnicas	32
Exemplo 1: Metalurgia, Ciência e Persistência	33
Exemplo 2: Edificações e a Sabedoria da Terra	34
Exemplo 3: Artes, Design e a Geometria dos Símbolos	35
Considerações Finais: Nossa Jornada, Nosso Futuro	36

APROFUNDANDO A EPT AFROCENTRADA

Educação Afrocentrada, Epistemologias e Descolonização do Saber	38
Racismo Estrutural, Branquitude e Identidade Nacional	40
Ciência, Tecnologia e Práticas Pedagógicas Antirracistas	42
Filosofia Africana, Cosmovisão e Valores Civilizatórios	44
Referências	45

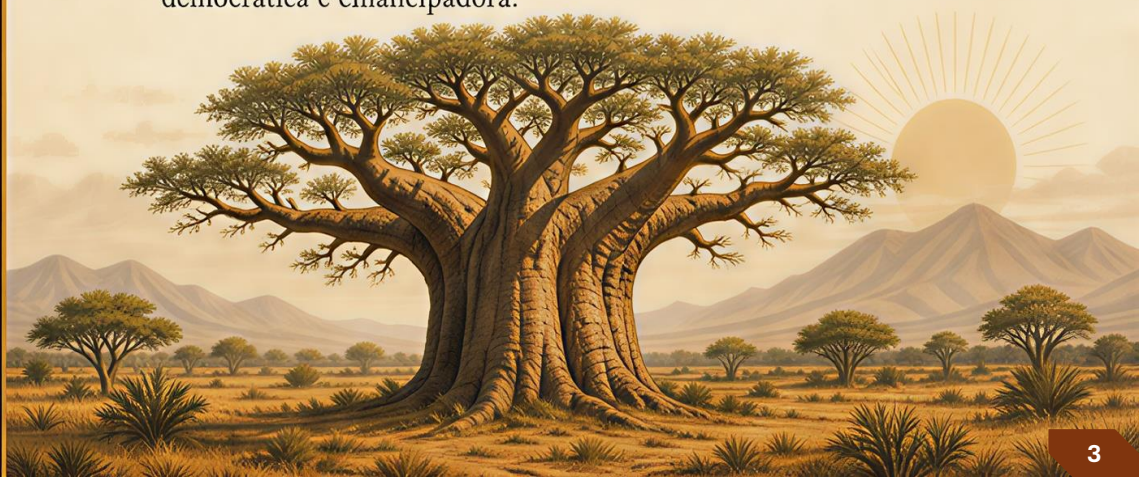


A ÁFRICA que nos ENSINA e a EPT que QUEREMOS CONSTRUIR

*“Um povo sela a sua libertação
na medida em que ele reconquista
a sua palavra.”*

Paulo Freire e Sérgio Guimarães

Esta cartilha, que nasce como produto educacional do curso de mestrado profissional em educação (ProfEpt), é, antes de tudo, um convite. Um convite a olhar para a África não a partir da ausência, da carência ou da inferioridade, mas da abundância de saberes, práticas, filosofias e cosmologias que, há milênios, sustentam modos de vida, de ensinar e de aprender em profunda relação com a comunidade e com a natureza. É também um convite a repensar a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) que queremos construir no Brasil: mais humana, mais justa, mais conectada com as realidades dos nossos povos e com os projetos de uma sociedade verdadeiramente democrática e emancipadora.



Por que esta *cartilha* é necessária?



A **Lei 10.639/2003** estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira em todas as instituições de ensino do país. Mais do que um dispositivo legal, ela representa um marco na luta por justiça e reconhecimento das contribuições dos povos africanos e afrodiaspórico na formação do Brasil.



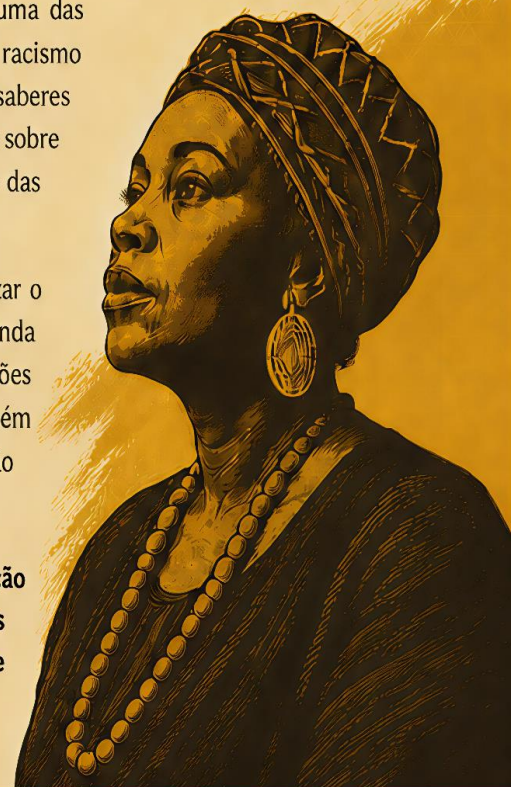
Epistemicídio

é o apagamento sistemático de saberes, conhecimentos e formas de existência de povos racializados. Ao longo da história, os currículos escolares e acadêmicos legitimaram apenas uma visão de mundo – eurocêntrica, universalista e excludente – silenciando epistemologias negras e indígenas.

Como afirma **Sueli Carneiro**, filósofa, escritora e uma das principais intelectuais do movimento negro brasileiro, o racismo é também um projeto de conhecimento que hierarquiza saberes e invalida a produção intelectual negra. Assim, o silêncio sobre o negro é uma das formas mais eficazes de manutenção das desigualdades.

Na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), decolonizar o currículo é romper com a lógica da colonialidade que ainda estrutura os saberes, as práticas pedagógicas e as relações institucionais. É reconhecer que a formação técnica também é um espaço de disputa de narrativas, de valorização de identidades e de construção de futuros mais justos.

Esta cartilha nasce do compromisso com uma educação antirracista, plural e transformadora, que reconhece os saberes negros como fundamentais para uma sociedade mais democrática e igualitária.



Parte I – Fundamentos

“

A educação não transforma o mundo.

A educação muda as pessoas.

As pessoas transformam o mundo.

”

PAULO FREIRE

Antes de mergulharmos nos saberes africanos...
Antes de mergulharmos nos saberes africanos e afrodiaspóricos que sustentam esta obra, é fundamental estabelecermos as bases que orientarão nossa jornada. Esta primeira parte dedica-se aos fundamentos teóricos, epistemológicos e éticos que dão sustentação ao diálogo entre educação, culturas africanas e práticas pedagógicas emancipatórias.

Compreender esses fundamentos é mais do que um exercício intelectual; é um compromisso político com a transformação social, com a valorização de epistemes historicamente silenciadas e com a construção de uma educação que reconheça a dignidade, a ancestralidade e os conhecimentos dos povos africanos e seus descendentes.



O que é Educação Afrocentrada?

A Educação Afrocentrada é uma abordagem pedagógica, filosófica e política que coloca as experiências, os conhecimentos, os valores e as perspectivas dos povos africanos e da diáspora no centro do processo educativo. Diferencia-se de modelos eurocêntricos ao desafiar narrativas que marginalizam ou distorcem as contribuições africanas, promovendo uma compreensão de mundo enraizada na história, na cultura e nas realidades contemporâneas dos povos negros.

Afrocentricidade é uma maneira de ver, pensar, sentir e agir que coloca as realidades africanas e da diáspora no centro de tudo o que fazemos.

MOLEFI KETE ASANTE



O termo Afrocentricidade foi desenvolvido pelo autor **Molefi Kete Asante**, que defende que os africanos e seus descendentes devem ser sujeitos de sua própria história, definindo suas prioridades, problemas e soluções a partir de suas próprias referências culturais.

A EDUCAÇÃO AFROCENTRADA RECONHECE E VALORIZA:



Conhecimentos e inovações africanas: como a metalurgia avançada de Mercé (atual Sudão), que produziu ferro de alta qualidade há mais de 2.000 anos.



Saberes científicos antigos: como o Osso de Ishango (aproximadamente 20.000 a.C.), considerado um dos mais antigos registros de contagem a possíveis conhecimentos matemáticos.



Sistemas filosóficos e éticos africanos: como o Ubuntu, que valoriza a coletividade, a solidariedade e a interdependência.



Expressões culturais e espirituais: línguas, oralidades, cosmovisões, artes, religiões e tecnologias desenvolvidas em diferentes contextos africanos e da diáspora.



O Epistemicídio e o Apagamento da Herança Africana

Para compreender as raízes profundas das desigualdades raciais e culturais que estruturam nossa sociedade, é fundamental reconhecer como o conhecimento produzido por povos africanos e afrodiaspórico foi sistematicamente deslegitimado, silenciado e apagado. Esse processo tem nome: **epistemicídio**.



DEFINIÇÃO DE EPISTEMICÍDIO

Sueli Carneiro, explica que o epistemicídio é “a destruição sistemática dos modos de produzir, organizar e transmitir conhecimentos de grupos subalternizados, por meio de práticas que os desqualificam, invisibilizam e eliminam como formas válidas de saber”.

O epistemicídio é um dos pilares do colonialismo e do racismo estrutural. Ele atua não apenas sobre os corpos, mas também sobre as mentes, as memórias e as cosmologias de povos inteiros, impondo uma hierarquia entre saberes e legitimando apenas aqueles produzidos a partir da matriz europeia.



Reconhecer o epistemicídio é o primeiro passo para reparar as ausências, revalorizar os saberes ancestrais e construir um futuro baseado na pluralidade de conhecimentos.

A Importância da Formação Integral e Cidadã na EPT

A Educação Profissional e Tecnológica (EPT) comprometida com a justiça social deve ir além da formação técnica. Ela precisa promover a formação integral e cidadã, capaz de desenvolver as múltiplas dimensões do ser humano: intelectual, ética, estética, cultural, física, política e afetiva.

Esse princípio conversa com o conceito de **omnilateralidade**, que defende o pleno desenvolvimento humano em todas as suas dimensões, rompendo com a lógica da fragmentação do ensino e com a redução do sujeito à força de trabalho.

“No plano teórico, político, filosófico e ético, a perspectiva é de não reduzir os processos educativos a uma concepção unidimensional, mas alargá-los na perspectiva omnilateral e/ou politécnica que expressa as múltiplas necessidades do humano.”

— Frigotto

(Educação e a crise do capitalismo real, 2010)

Formar integralmente é também formar para a cidadania ativa, crítica e solidária. É reconhecer os sujeitos como históricos, culturais e coletivos, capazes de transformar a realidade em que vivem.

“Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo.”

— hooks

(Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade, 2013)

A EPT que se propõe integral deve cultivar **saberes diversos**, **valorizar as identidades**, **combater todas as formas de opressão** e promover uma educação que **liberta**, **conecta** e **transforma**.



Encerrando esta parte, *reforçamos o essencial:*

Integrar a Educação para as Relações Étnico-Raciais e a perspectiva Afrocentrada à Educação Profissional e Tecnológica (EPT) é:



PROMOVER JUSTIÇA E EQUIDADE: reconhece e valoriza os saberes, histórias e contribuições da população negra na construção do Brasil, combatendo o racismo estrutural e as desigualdades históricas.



QUALIFICAR A FORMAÇÃO PROFISSIONAL: amplia repertórios, metodologias e referências, tornando a EPT mais crítica, criativa, inovadora e conectada com os desafios reais da sociedade.



FORTALECER IDENTIDADES E PERTENCIMENTO: afirma as identidades negras e estimula o orgulho, a autoestima e a permanência na EPT.



CONECTAR SABERES E TECNOLOGIAS: valoriza conhecimentos ancestrais e tradicionais africanos e afrodiaspóricos, dialogando com a ciência e a tecnologia contemporâneas.



CONSTRUIR OUTRO FUTURO É POSSÍVEL: forma profissionais éticos, conscientes e comprometidos com a transformação social, a sustentabilidade e a vida com dignidade para todos.



PARTE II – LEGADOS E SABERES

“A história africana não é a história daquilo que a África sofreu, mas daquilo que os africanos fizeram. É preciso escrever uma história da África como os africanos a viveram e criaram.”

Esta parte da cartilha apresenta os grandes legados civilizatórios africanos em três dimensões fundamentais que estruturam sociedades, orientam cosmovisões e inspiram o mundo até hoje.



BLOCO 1 – CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Explora as inovações, conhecimentos e práticas técnicas desenvolvidas em diferentes regiões do continente africano. Da metalurgia avançada à astronomia, da engenharia hidráulica à agricultura sustentável, esta seção revela a centralidade da razão, da experimentação e da observação na construção de soluções africanas para os desafios da vida.



BLOCO 2 – FILOSOFIA E VALORES

Apresenta sistemas de pensamento, ética e organização social que sustentam sociedades africanas há milênios. Conceitos como ubuntu, harmonia, comunidade e ancestralidade expressam filosofias profundas que orientam modos de ser, conviver e decidir coletivamente.



BLOCO 3 – ARTE E SIMBOLISMO

Valoriza as expressões artísticas, estéticas e simbólicas que comunicam identidades, narram histórias e preservam memórias. Das esculturas aos tecidos, da música à arquitetura, a arte africana é linguagem, resistência e celebração da vida.

◆ PARTE II – LEGADOS E SABERES ◆

BLOCO 1

CIÊNCIA E

TECNOLOGIA



Explora as inovações, conhecimentos e práticas técnicas desenvolvidas em diferentes regiões do continente africano. Da metalurgia avançada à astronomia, da engenharia hidráulica à agricultura sustentável, esta seção revela a centralidade da razão, da experimentação e da observação na construção de soluções africanas para os desafios da vida.



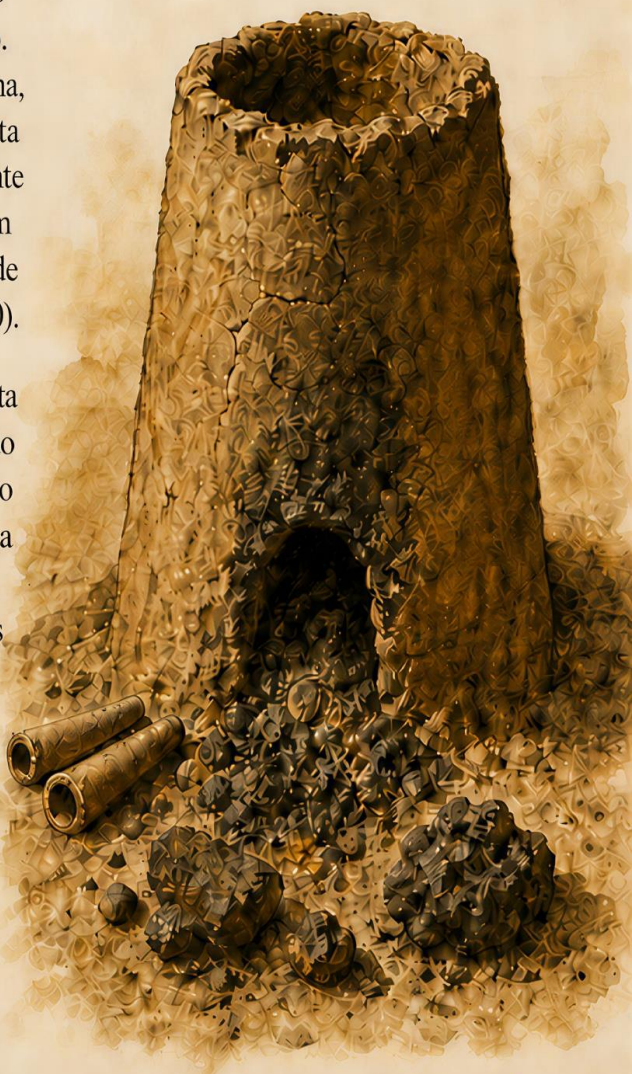
METALURGIA



A metalurgia na África Antiga envolvia o domínio prático de diversos metais, como ferro, cobre, ouro, estanho, bronze e latão. Evidências indicam que, na África subsaariana, a exploração metalúrgica iniciou-se por volta de 1000 a.C.; em várias regiões, o continente transitou diretamente para o trabalho com ferro e cobre, sem uma etapa prévia de Idade do Bronze (Chirikure, 2014; Ki-Zerbo, 2010).

A produção do ferro utilizava a redução direta em fornos de argila alimentados por carvão vegetal. O processo exigia controle rigoroso da entrada de ar, por foles ou tuyères, e da temperatura, permitindo separar o ferro utilizável da escória, resíduo formado pelas impurezas do minério (Chirikure, 2014).

Centros como Meroé, o Vale do Rio Senegal, Akjoujt, Taruga, Nok, Rooiberg, Mapungubwe e os Njanja, no Zimbábue, revelam a diversidade e a escala dessas tecnologias. Montes de escória, fornos, cadinhos vitrificados e redes de circulação demonstram que a metalurgia africana articulava conhecimento técnico, organização social e comércio de longa distância (Chirikure, 2014; Ali Hakem; Hrbek; Vercoutter, 2010).



Artefatos de ferro.



MATEMÁTICA E ASTRONOMIA



Origens africanas da contagem, dos ciclos e do cálculo

O continente africano é apresentado como berço da invenção da matemática e da astronomia. Antes do florescimento de outras civilizações, povos africanos já desenvolviam sistemas de contagem, pensamento abstrato e geometria. O Ocre de Blombos, datado entre 77.000 e 80.000 anos, registra estrias geométricas que testemunham formas antigas de pensamento simbólico (Pinheiro, 2021; Miguel, 2024).



Ocre de Blombos
estrias geométricas sobre ocre

Artefatos de pedra e osso evidenciam registros antigos de geometria, contagem e leitura dos ciclos naturais.

No campo da aritmética, o Osso de Lebombo, encontrado na atual Essuatíni e datado de aproximadamente 35.000 a.C., destaca-se como artefato de contagem. Seus 29 cortes são associados à marcação de calendários, ciclos lunares, dias de caça e ciclos menstruais (Pinheiro, 2021).

Ishango, búzios e cálculo

O Osso de Ishango e os jogos de búzios indicam sequências numéricas, análise combinatória, probabilidade e estruturas binárias comparáveis à lógica computacional moderna (Ki-Zerbo, 2010; Miguel, 2024).



Osso de Lebombo: contagem, ciclos lunares e calendário.



GEOMETRIA, ÁLGEBRA E FRACTAIS

em Kemet



Matemática egípcia, medida, cálculo e padrões proporcionais

Foi no território de Kemet (Antigo Egito) que grande parte da matemática da antiguidade foi estruturada. Os egípcios desenvolveram um sistema de numeração decimal (sem o zero) e utilizavam representações de frações cujos símbolos se originaram no mito do "Olho de Hórus" (Mokhtar, 2010).

A sofisticação exata desse saber é comprovada pelo Papiro de Rhind (ou Papiro de Ahmes), redigido por volta de 1650 a.C. Este extenso documento detalha a solução de 85 problemas práticos abordando aritmética, cálculo de frações, regra de três simples, equações lineares, trigonometria básica, progressões e geometria (Pinheiro, 2021). A geometria empírica era vital para a agrimensura, permitindo recalcular a área dos campos após as enchentes anuais do Nilo com o uso de cordas com nós para marcações exatas (Mokhtar, 2010).

Os escribas egípcios conheciam com perfeição os métodos para calcular a área de triângulos, bem como os volumes de cilindros, pirâmides e hemisférios. O seu maior feito geométrico foi o cálculo da superfície do círculo: os matemáticos reduziam o diâmetro em $1/9$ e elevavam o resultado ao quadrado, obtendo um valor para "Pi" (π) de 3,1605, número extraordinariamente mais exato do que o valor 3 utilizado por outros povos antigos (Mokhtar, 2010). Além disso, teoremas como o do triângulo retângulo já se encontravam descritos no Papiro de Ahmes mais de mil anos antes do nascimento do filósofo grego Pitágoras (Pinheiro, 2021). Esses intrincados padrões matemáticos também podiam ser observados na arquitetura do Grande Zimbábue e em tecidos africanos através da "geometria dos fractais", que consiste em figuras base (como quadrados) com sucessivas rotações e ampliações perfeitamente proporcionais (Miguel, 2024).

Frações e mito

O Olho de Hórus simboliza frações e memória matemática em Kemet.



Círculo e aproximação de π

diâmetro - $1/9$ do diâmetro
resultado elevado ao quadrado
 $\pi = 3,1605$

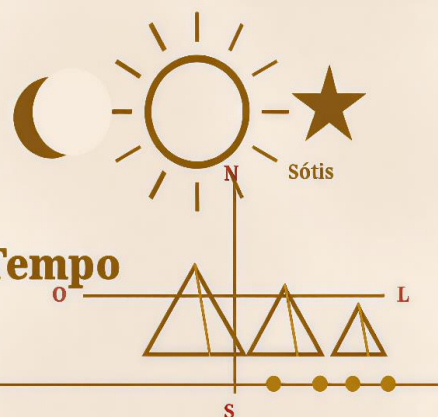


Papiro de Rhind/Ahmes: problemas práticos de aritmética, frações e geometria.



A PRECISÃO DA ASTRONOMIA E A MEDIÇÃO

do Tempo



Calendário, estrelas, sombras e ciclos matemáticos africanos

A astronomia africana não era puramente contemplativa, mas sim uma ciência exata aplicada ao tempo e ao espaço. O calendário surgiu em Kemet por volta de 11.000 a.C., inicialmente fundamentado nas fases da Lua (Pinheiro, 2021).

Posteriormente, a partir da observação de que as inundações do Nilo coincidiam com o nascer heliaco da estrela Sirius (Sótis), os astrônomos egípcios criaram o calendário solar civil de 365 dias, o mais preciso da Antiguidade (Mokhtar, 2010; Pinheiro, 2021). Este ano solar dividia-se matematicamente em três estações de quatro meses com 30 dias cada, sendo acrescidos de cinco dias suplementares (epagômenos) ao final do ano (Mokhtar, 2010).

Para fracionar o dia, desenvolveram por volta de 3500 a.C. o relógio de sol (gnomon), uma prancha graduada munida de um fio de prumo que indicava as horas pela projeção geométrica da sombra solar (Mokhtar, 2010; Pinheiro, 2021). Para calcular as horas noturnas e no interior dos templos, inventaram, já em 1580 a.C., os precisos relógios de água (clepsidras).

Durante a noite, sacerdotes-astrônomos mediam a passagem do tempo acompanhando a ascensão de 36 constelações e estrelas principais (decans), onde cada decan inaugurava um período de 10 dias. Essa precisão na observação astronômica possibilitou o milimétrico alinhamento das Grandes Pirâmides, voltadas para os pontos cardeais com um desvio inferior a 1° em relação ao norte verdadeiro (Mokhtar, 2010).

Além do Egito, os complexos cálculos de tempo e astronomia eram vitais em diversas sociedades do continente. O intrincado calendário dos Akan, por exemplo, originava-se de um sistema matemático peculiar ajustado ao ciclo solar, organizando a vida com um mês ritual de 42 dias e semanas de seis dias (Ki-Zerbo, 2010; Mazrui; Ajayi, 2010). Na Somália, o estudo metódico das constelações, astros e clima (xiddigo) formava a base do calendário que regia as migrações e a agricultura locais, sendo o conhecimento astronômico arquivado de forma exata e transmitido geração após geração por meio de cantos (Mazrui; Ajayi, 2010).

Ano solar civil

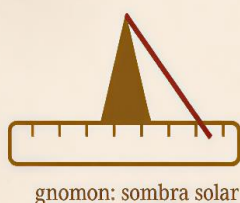
365 dias: 3 estações
4 meses de 30 dias
+ 5 epagômenos

Tempo diurno

gnomon: projeção
geométrica da sombra
por volta de 3500 a.C.

Tempo noturno

clepsidras e decans
36 estrelas principais
ciclos de 10 dias



gnomon: sombra solar



clepsidra: horas noturnas



36 decans

constelações e ciclos de 10 dias

Arquitetura e Engenharia na África

As sociedades africanas desenvolveram notáveis realizações arquitetônicas e de engenharia, demonstrando profundo conhecimento de materiais, técnicas de construção e planejamento urbano. Suas obras testemunham a sofisticação, a organização social e a visão cosmológica dos povos do continente (Mokhtar, 2010).



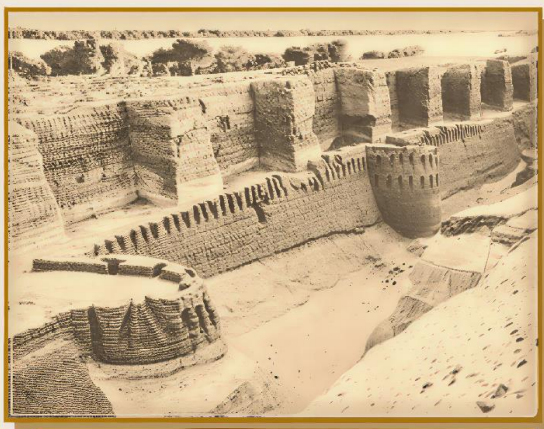
EGITO E NÚBIA (KEMET E KUSH)

Muito antes do que se concebe como o urbanismo clássico, a África foi pioneira no uso da pedra talhada e do planejamento de cidades. O marco inicial da arquitetura monumental em pedra foi a pirâmide em degraus de Saqqara, projetada pelo arquiteto africano Imhotep, na III dinastia egípcia.

Na engenharia civil e de transportes, os egípcios criaram canais navegáveis e até mesmo uma extensa rampa paralela à Segunda Catarata do Nilo, sobre a qual faziam deslizar embarcações com o auxílio do limo fluido (Mokhtar, 2010).



Fotografia real da pirâmide em degraus de Saqqara, marco da monumentalidade em pedra e do planejamento urbano em Kemet.



Fortaleza núbia de Buhen

Fotografia histórica: defesa e administração.

Mais ao sul, a engenharia militar brilhou na Núbia (Império de Kush). Para proteção e administração, foram construídas impressionantes fortalezas, como as de Buhen e Mirgissa.

A fortaleza de Buhen possuía muralhas de tijolos com até 12 metros de altura e 4,80 metros de espessura, protegidas por baluartes, plataformas e um fosso seco de 6,50 metros de profundidade escavado diretamente na rocha (Mokhtar, 2010).

12 m

altura das muralhas
em Buhen

6,50 m

fosso seco
escavado na rocha

Arquitetura e Engenharia na África

A página concentra-se em Aksum, civilização situada na atual Etiópia, cuja arquitetura combinou monumentalidade funerária, domínio da pedra, obras hidráulicas e palácios de alvenaria complexa.



AKSUM

ESTELAS MONOLÍTICAS, ÁGUA E PALÁCIOS

Localizada na atual Etiópia, Aksum foi uma poderosa civilização entre os séculos I e VII d.C. (Kobishanov, 2010). A escala da sua arquitetura expressa-se através de gigantescas estelas monolíticas esculpidas; a maior delas atinge 33,5 metros de altura e imita os detalhes de um edifício de nove andares, com portas e janelas talhadas com perfeição na pedra dura (Anfray, 2010).

A engenharia axumita também criou complexos sistemas de abastecimento, como a barragem de Safra, com 67 metros de comprimento. Os luxuosos palácios, como o de Dongour — que contava com cerca de quarenta aposentos e fomos de tijolo cozido para aquecimento —, foram erguidos utilizando uma engenhosa técnica de alvenaria que alternava blocos de pedra e grossas vigas de madeira, com cantos e tetos reforçados para criar belos efeitos decorativos (Anfray, 2010).



Aksum: estelas em Aksum, Etiópia

Fonte: Encyclopaedia Britannica

Leitura arquitetônica

33,5 m

maior estela monolítica

67 m

barragem de Safra

40

aposentos em Dongour

Arquitetura e Engenharia na África

A página reúne o Grande Zimbábue e o litoral oriental swahili para evidenciar como pedra seca, muralhas monumentais, cidades mercantis, mesquitas e palácios expressaram engenharia estrutural, planejamento urbano e circulação comercial no continente africano.



GRANDE ZIMBÁBUE

PEDRA SECA E TORRE CÔNICA

No sul da África central encontra-se o Grande Zimbábue, o maior complexo de estruturas pré-coloniais da África Subsaariana. O núcleo do seu planejamento de pedras secas, sem o uso de argamassa, é o Grande Cercado, cuja formidável muralha de granito possui 7,3 metros de altura e 5,5 metros de espessura na base.

Em seu interior, uma enigmática e perfeitamente simétrica Torre Cônica domina a paisagem, evidenciando o avançado conhecimento de engenharia estrutural dos construtores Shona (Niane, 2010).



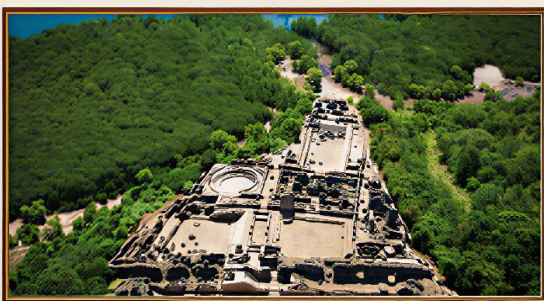
Grande Zimbábue: muralhas e Torre Cônica

Fonte: Smorthistory / Wikimedia Commons



KILWA

LITORAL ORIENTAL SWAHILI



Kilwa: ruínas de Kilwa Kisiwani

Fonte: Nonoral Geographic / Alamy

A excelência em engenharia ramificou-se por todo o continente. Na costa leste, a civilização swahili fez da cidade mercantil de Kilwa um centro de arquitetura monumental a partir do século XIV.

Ali surgiram palácios como o Husuni Kubwa e grandes mesquitas, utilizando alvenaria de pedra, cúpulas esféricas e abóbadas ornamentadas com bacias de porcelana esmaltada importadas do Oriente (Niane, 2010).

Leitura arquitetônica

Pedra seca, muralhas, comércio marítimo e arquitetura religiosa revelam domínio técnico e urbanismo africano.

7,3 m

altura da muralha do Grande

5,5 m

espessura da base em granito

séc. XIV

palácios e mesquitas em Kilwa

A ÁFRICA OCIDENTAL

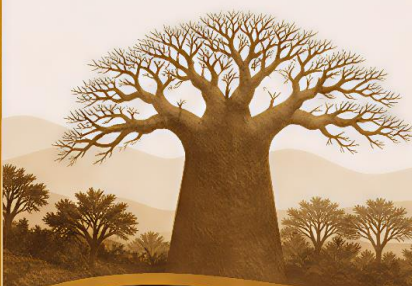
A arquitetura se adaptava com brilhantismo aos materiais regionais. Nas savanas, cidades do Império do Mali, como a capital Niani, eram erguidas com sucessivas camadas de argila, possuindo tetos de vigas e bambu em formatos de abóbadas e cúpulas. Já a engenharia defensiva florestal moldou obras de dimensões formidáveis, como as duas complexas muralhas externas e os profundos fossos que protegiam o império de Benin (na atual Nigéria), cuja grandeza de trabalho estrutural implicava um Estado altamente centralizado e organizado (Niane, 2010).



Imagem meramente ilustrativa



Imagem meramente ilustrativa





FUNTUNFUNEFU

Unidade na
diversidade



FAWOHODIE

Liberdade e
independência



ODO NNYEW

FIE KWAN

O amor nunca
perde o caminho



ESE NE
TEKREMA

Amizade e
interdependência



NKONSONKONSON

Unidade e relações
humanas

◆ PARTE II – LEGADOS E SABERES ◆

BLOCO 2

FILOSOFIA E

VALORES

Antes de construir cidades ou fundir metais, os povos africanos edificaram algo mais duradouro: modos de pensar, conviver e decidir juntos. Esta seção mergulha nas raízes filosóficas do continente — do ubuntu que afirma que o ser humano só se realiza na relação com o outro, às cosmovisões que integram vivos e ancestrais numa mesma teia de responsabilidades. São sabedorias que não separam razão e emoção, indivíduo e comunidade, presente e memória.



Os Itans

LIÇÕES DE VIDA E ANCESTRALIDADE



OSRAM NE
NSOROMMA

Fidelidade e harmonia



BESE SAKA

Abundância e
comunidade



AKOMA

Paciência e
tolerância



DWENNIMMEN

Humildade e força

Os Itans são as narrativas que guardam a memória viva dos Orixás — suas jornadas, dilemas e aprendizados. Mais do que mitos, são uma escola filosófica transmitida de geração em geração: ensinam sobre formação do caráter, consequências das escolhas, respeito às diferenças e a necessidade de manter o equilíbrio entre o indivíduo e a comunidade.

No centro dessas histórias está o conceito de Iwa — o caráter, a postura ética e a conduta de uma pessoa diante da vida. A sabedoria iorubá sintetiza esse princípio na afirmação: “*Iwa re ni o nse e!*” — Teu caráter proferirá sentença contra ti. Isso revela que a verdadeira força de uma pessoa não está no poder ou na riqueza, mas na qualidade de suas ações e relações.

Conhecer os Itans é, portanto, um convite ao autoconhecimento e à educação permanente das virtudes. Eles nos lembram que o Axé — a força vital que nos anima — cresce quando nos comprometemos com uma existência mais empática, justa e solidária. Uma pedagogia ancestral que segue profundamente atual.

*“Iwa re ni o nse e!” — Teu caráter
proferirá sentença contra ti.*

— Provérbio iorubá



Os Orixás

PRINCÍPIOS CIVILIZATÓRIOS E A ÉTICA DO VIVER

Na filosofia africana, especialmente na tradição iorubá, o universo é uma imensa teia de relações em que cada ser — humano, natural ou ancestral — ocupa um lugar de responsabilidade. Nessa cosmovisão, tocar qualquer elemento do mundo é fazer vibrar o conjunto. É a partir dessa compreensão que os Orixás ganham seu verdadeiro sentido.

Longe de serem apenas figuras de culto, os Orixás representam valores universais e forças fundamentais da natureza: a justiça que equilibra, o cuidado que nutre, a sabedoria que orienta, a resiliência que transforma. São pilares de um processo civilizatório e moral que organiza as relações entre os indivíduos e o cosmos como uma totalidade.

Como afirma Sikirù Sàlámi (2019), os Orixás servem como grandes guias para a conduta ética, ajudando cada ser humano a compreender seu lugar, sua interdependência e sua responsabilidade no universo. Mais do que divindades, são a personificação da ordem cósmica — e, portanto, referências civilizatórias de profunda atualidade pedagógica.

“Os Orixás não são apenas entidades do sagrado. São a gramática moral de um povo que aprendeu a ler o mundo com sabedoria, equilíbrio e responsabilidade coletiva.”



OGUM:

ARQUÉTIPO DA CIÊNCIA

Ogum é o orixá do ferro, da guerra justa, da **tecnologia** e do **conhecimento** prático. Na ethnografia de Bâbá King, ele é compreendido como o **princípio da descoberta**, da invenção e da transformação da matéria em possibilidade.

Ogum não apenas luta — ele abre caminhos. Seu machete não é apenas arma, mas **ferramenta de trabalho**. Seu domínio sobre os metais simboliza a capacidade humana de compreender as propriedades da natureza e aplicá-las para gerar soluções, estruturas e evolução.

Para Bâbá King, Ogum é a energia que está por trás de toda **inovação**: da forja da lâmina à construção da máquina; do arado ao satélite. Ele rege os laboratórios, as oficinas, as estradas, os códigos e os sistemas — tudo aquilo que exige precisão, estratégia e inteligência aplicada.

“

Ogum é o pensamento que corta a ignorância. É a mão que forja o futuro. É a ciência em movimento.

– BÂBÁ KING



Oxum e Obatalá

ÉTICA DO CUIDADO E SERENIDADE ATIVA

Oxum – O cuidado que nutre e conecta

Oxum é a força das águas doces, da beleza, do amor e da prosperidade. Representa o cuidado que acolhe, a escuta sensível e a capacidade de criar laços que fortalecem indivíduos e comunidades. Seu espelho reflete não apenas a vaidade, mas o autoconhecimento e a valorização da própria essência.

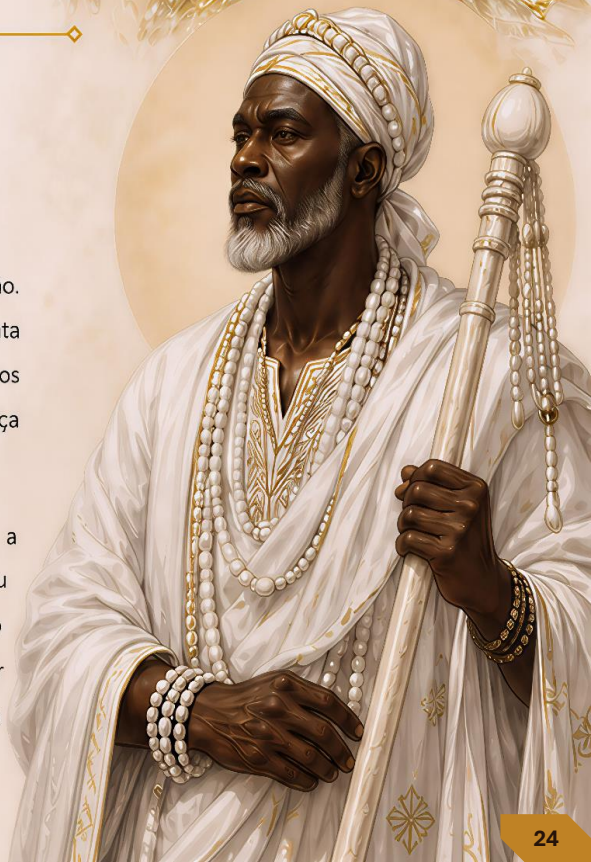
Na educação técnica, Oxum inspira práticas pedagógicas que colocam o afeto, a empatia e o respeito no centro do processo formativo. Seu exemplo nos lembra que ensinar é também nutrir sonhos, reconhecer talentos e promover ambientes seguros e inclusivos para todos.

Obatalá – Serenidade que orienta e transforma

Obatalá é a força da paz, da sabedoria e da criação. Representa a pureza que guia, a palavra que orienta e a capacidade de transformar conflitos em caminhos de harmonia. Seu branco simboliza a clareza, a justiça e a integridade.

Na educação técnica, Obatalá inspira a ética, a disciplina e o compromisso com o bem comum. Seu exemplo nos ensina que liderar é servir, que o conhecimento deve ser usado para transformar realidades e que a serenidade é uma força ativa na construção de um futuro mais justo.

Imagem meramente ilustrativa.



As Grandes Mães Ancestrais e a Sustentabilidade

A TERRA COMO PRINCÍPIO REGENERATIVO DA VIDA

As Grandes Mães Ancestrais, na cosmovisão africana, podem ser entendidas como a força vital da Terra. Mais do que um recurso, a Terra é um ser vivo, portadora de energia, memória e propósito. Ela nutre, sustenta e se regenera em ciclos perfeitos de equilíbrio.

A sustentabilidade, neste contexto, não é um conceito moderno, mas uma prática ancestral baseada no respeito, na reciprocidade e na harmonia com os ritmos naturais.

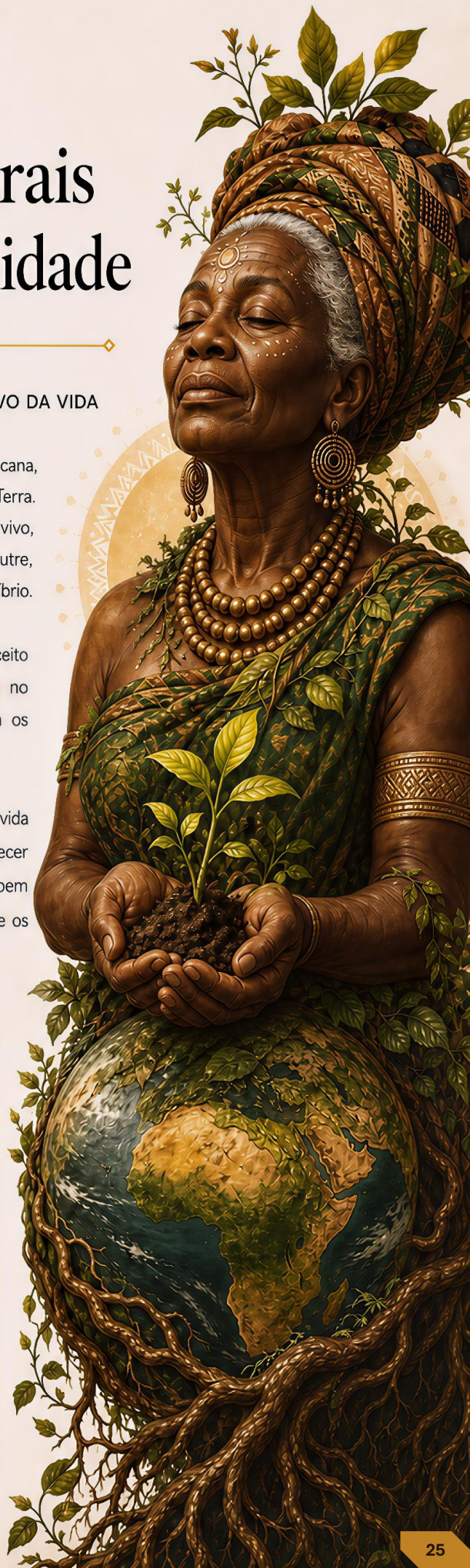
Cuidar da Terra é assegurar a continuidade da vida para as gerações presentes e futuras. É reconhecer que tudo o que existe está interligado e que o bem viver só é possível quando existe equilíbrio entre os seres humanos, a natureza e o mundo espiritual.

“A Terra não nos pertence.
Nós pertencemos à Terra.
Tudo o que fazemos à Terra,
fazemos a nós mesmos.”

— SABEDORIA ANCESTRAL —



Imagem meramente ilustrativa.





AKOMA NTOSO

Corações
conectados



OWIA KOKROKO

Vitalidade e
criatividade



AYA

Resistência e
expressão



KINTINKANTAN

Orgulho e
beleza



SANKOFA

Memória e
identidade

◆ PARTE II – LEGADOS E SABERES ◆

BLOCO 3

ARTE E

SIMBOLISMO

Muito antes da palavra escrita, os povos africanos já inscreviam o mundo em tecidos, pedras, corpos e ritmos. Esta seção revela que a arte africana nunca foi apenas estética — foi sempre um ato político, espiritual e coletivo. Cada padrão tecido, cada máscara esculpida, cada tambor tocado carrega uma gramática própria: uma forma de dizer quem somos, de onde viemos e para onde queremos ir.



A Memória em Movimento

MÚSICA, DANÇA E MÁSCARAS
COMO ARQUIVOS VIVOS

Nas sociedades africanas tradicionais, a música e a dança não são entretenimento — são a própria pulsação vital da comunidade. Os griôs, mestres da palavra cantada, funcionam como arquivos vivos da memória coletiva: transmitem mitos, genealogias e valores éticos através dos orin (cantos) e orikì (louvações). Cada ritmo é uma linguagem; cada dança, uma narrativa que o corpo escreve no espaço.

As máscaras africanas revelam essa indissociabilidade entre objeto, corpo e sentido. Uma máscara Gueledé dos Iorubá honra as "mães poderosas" e o princípio feminino da criação; a máscara Pwo dos Tchokwe representa a mulher madura e a fertilidade. Mas essas máscaras só ganham plena significação quando em movimento, no corpo do dançarino. Há casos em que a máscara nem sequer fica voltada para o público, mas para o céu — como se buscasse uma conexão com dimensões cósmicas.

No Brasil, essa herança floresceu e se transformou: o samba, a capoeira, os cantos dos terreiros de candomblé são exemplos da potência com que essas tradições foram preservadas e ressignificadas como formas de resistência e celebração identitária. Reconhecer essa herança é reconhecer que a cultura afrodiaspórica é também ciência, filosofia e pedagogia.



SANKOFA
Memória e
identidade



NKYINKYIM
Adaptabilidade e
dinamismo



OSRAM
NE NSOROMMA
Harmonia e
ritmo



NKONSONKONSON
Unidade e
transmissão



Arte, Design e a Geometria dos Símbolos

A ESCRITA E A COMUNICAÇÃO AFRICANA



SANKOFA
Memória ancestral



ANANSE NTONTAN
Criatividade e sabedoria



ADINKRAHENE
Liderança e grandeza



NKYINKYIM
Adaptabilidade



GYE NYAME
Grandeza do universo

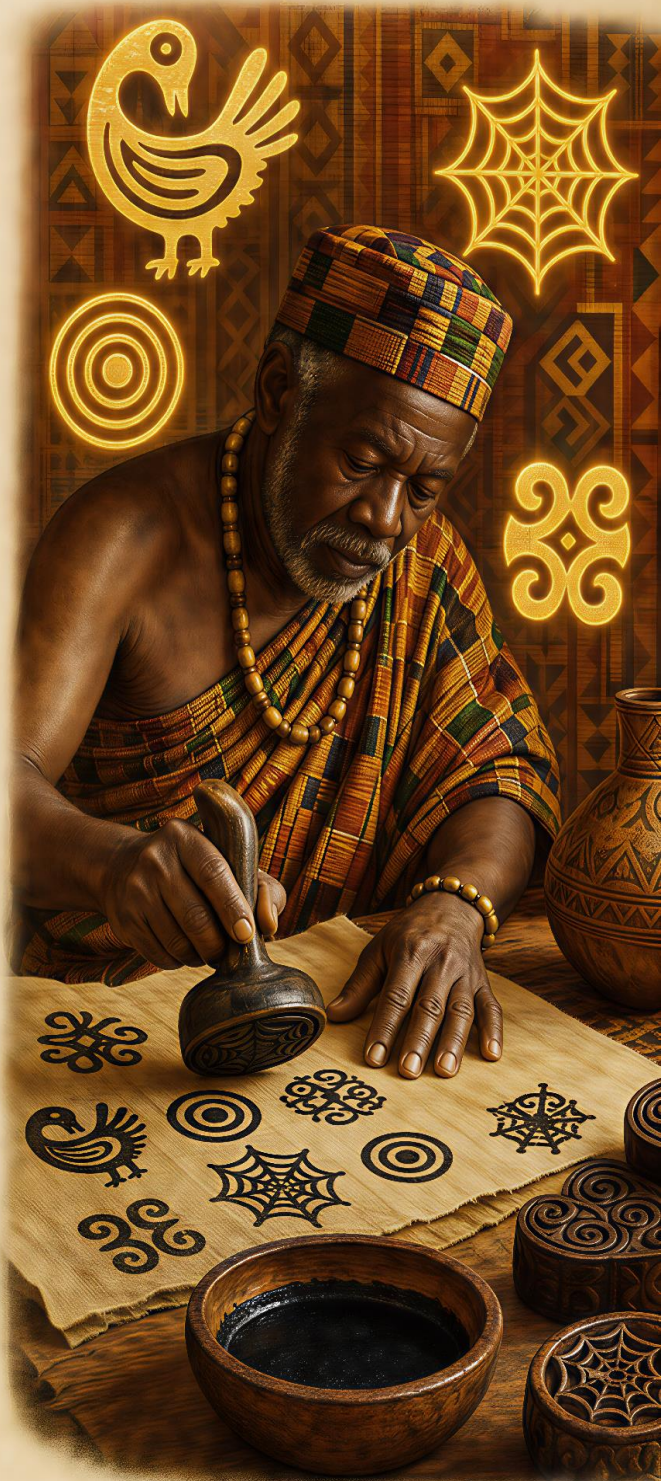
Na cosmovisão africana, a arte não se limita à expressão estética: ela atua como um complexo sistema de comunicação e um arquivo vivo da sabedoria ancestral. As padronagens, as geometrias e os têxteis africanos são autênticos "textos" que narram história, filosofia, status social e identidade — desafiando a narrativa eurocêntrica que tentou invisibilizar o continente ao afirmar que seus povos não possuíam sistemas de escrita.

OS SÍMBOLOS ADINKRA: PROVÉRBIOS VISUAIS

Originários dos povos Akan, especialmente os Asante de Gana, os símbolos Adinkra funcionam como um profundo sistema de escrita. Longe de serem meros ornamentos, cada ideograma é um provérbio visualizado, condensando ensinamentos sobre a vida, a morte, a espiritualidade e a conduta ética.

- ◆ **Sankofa** — O pássaro que olha para trás ensina a importância de retornar ao passado para buscar o que foi esquecido. Aprender com a ancestralidade é a base para construir o futuro.
- ◆ **Ananse Ntontan (A Teia de Aranha)** — Representa a complexidade da vida, a expertise, a criatividade e a sabedoria.

Além de seu valor ético, os símbolos Adinkra carregam formidável potencial pedagógico para as disciplinas técnicas e exatas, permitindo o estudo prático de simetria matemática, abstração geométrica e composição visual no design.



Os Tecidos que Falam

CONHECIMENTO QUÍMICO, MATEMÁTICO E IDENTITÁRIO



AYA

Resistência e
identidade



OWIA KOKROKO

Vitalidade e
renovação



KINTINKANTAN

Orgulho e
beleza



FAWOHODIE

Liberdade e
autoconhecimento

A tecelagem africana vai muito além da função utilitária da vestimenta. Sua elaboração engloba um domínio rigoroso de saberes que unem botânica, química, mecânica e matemática.

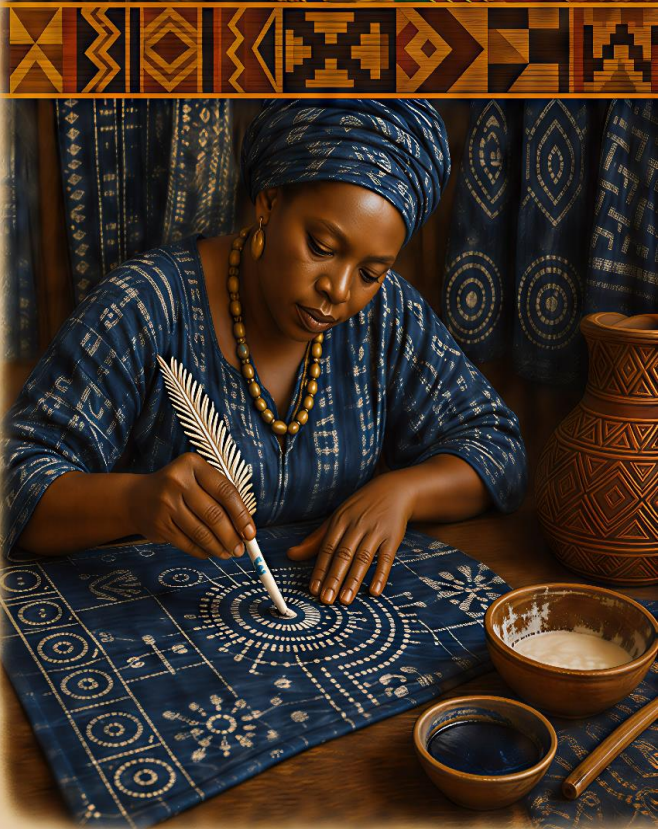
KENTE (GANA)

Originalmente associado à realeza para simbolizar prestígio e poder, o Kente é tecido em teares em longas e estreitas faixas que são costuradas juntas. A complexidade de seus padrões revela profundos saberes etnomatemáticos aplicados através de geometria, simetria, proporção e sequências lógicas.

ADIRE (POVO IORUBÁ, NIGÉRIA)

O Adire é a sofisticada arte têxtil do tingimento por reserva utilizando o índigo natural (elu). As artesãs criam estampas carregadas de lendas e mitos por meio de técnicas precisas de controle químico e design. Os métodos incluem o Adire Oniko (reservar áreas amarrando-as com rafia), o Adire Alabere (costurar o padrão que resistirá à tinta) e o genial Adire Eleko (desenho feito com pasta de amido de mandioca ou milho para isolar a tinta).

Estudar a genialidade desses tecidos e símbolos na EPT é decolonizar o currículo, devolvendo aos estudantes o orgulho e o referencial de tecnologias estéticas e científicas nascidas em África — e desafiando a crença equivocada de que o design sofisticado e a linguagem visual geométrica são invenções da modernidade europeia.



PARTE III – REFLEXÕES PARA A ORGANIZAÇÃO DE UMA EPT AFROCENTRADA

IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/2003 NA EPT: *caminhos, desafios e possibilidades*

A Lei 10.639/2003 representa um marco na luta por reconhecimento, justiça e equidade racial na educação brasileira. Ao tornar obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afrodiaspórica em todos os níveis e modalidades de ensino, a lei aponta para a necessidade de transformar os currículos e as práticas pedagógicas, promovendo uma educação antirracista, plural e comprometida com a formação integral dos sujeitos.

Na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), a implementação da Lei 10.639/2003 assume contornos estratégicos. Inserir as temáticas africanas e afrodiaspóricas nesse contexto significa questionar epistemologias hegemônicas, valorizar saberes ancestrais, promover pertencimento e fortalecer identidades.

No entanto, a efetivação da lei na EPT ainda enfrenta desafios significativos: desde a formação inicial e continuada de docentes até a produção de materiais didáticos adequados, passando pela revisão dos Projetos Político-Pedagógicos (PPPs) das instituições e pela criação de espaços institucionais de diálogo e escuta.

Essa seção propõe reflexões que contribuem para a implementação crítica, criativa e transformadora da Lei 10.639/2003 na EPT, reconhecendo a centralidade da cultura negra na construção de uma educação profissional e tecnológica mais humana, inclusiva e emancipatória.



1.

Orientações gerais para o professor

Abordar temas africanos na escola é mais do que cumprir uma exigência legal; é compromisso ético, político e pedagógico com a formação de sujeitos críticos, conscientes de sua história e da diversidade que constitui o Brasil.

Nesta perspectiva, esta cartilha propõe caminhos para uma abordagem **secular, crítica e emancipatória** das culturas africanas e afrodiaspórica.



1.1 UMA ABORDAGEM SECULAR E NÃO CONFSSIONAL

A escola pública é um espaço laico e inclusivo. Assim, o trabalho com temas africanos deve partir de uma perspectiva cultural, histórica, social, política e artística, e não religiosa. As religiões de matriz africana fazem parte do patrimônio cultural brasileiro e podem (e devem) ser estudadas como tal, sem qualquer forma de proselitismo ou associação automática entre África e religiosidade.

Nosso foco deve estar nas produções humanas, nos saberes ancestrais, nas formas de organização social, nas filosofias, nas artes, nas tecnologias, nas lutas e nas resistências dos povos africanos e da diáspora.



1.2 OLHAR CRÍTICO E DESCOLONIZADO

Como nos provoca Muniz Sodré, é preciso desconstruir as lentes eurocêntricas que historicamente inferiorizaram os saberes africanos:

“Sabe-se que boa parte dos africanos trazidos como escravos era composta de presos políticos por lutas contra hegemônicas na África, Muitos deles eram pessoas de alto nível intelectual. Enquanto da Europa vinham degredados, da África vinham príncipes, princesas e sacerdotes.” (Sodré, 2017, p. 96)

Luiz Rufino nos lembra da centralidade da experiência e da dignidade:

“Um mundo em encruzilhadas, farto de formas e caminhos possíveis, risca os pontos de uma cosmopolítica da diáspora africana. Esta elege outras práticas, outros contextos e protagonistas como referenciais éticos/estéticos. A perspectiva epistemológica, a que prefiro chamar de poética, defendida na Pedagogia das Encruzilhadas reconhece e credibiliza a dimensão pluriversal dos conhecimentos.” (Rufino, 2017, p. 121)

Adotar um olhar crítico significa problematizar estereótipos, combater o racismo estrutural e valorizar as múltiplas contribuições dos povos africanos para a construção do mundo contemporâneo.



DICAS PEDAGÓGICAS

- **Contextualize:** apresente sempre os temas a partir do tempo, do espaço e das experiências concretas dos povos africanos e afrodiaspóricos.
- **Diversifique as fontes:** utilize livros, filmes, músicas, obras de arte, entrevistas e textos de autores africanos e afrodiaspóricos.
- **Valorize a oralidade:** muitas culturas africanas têm tradição oral potente. Escutar e contar histórias é também aprender.
- **Promova o diálogo:** incentive perguntas, debates e reflexões que conectem o conteúdo à realidade dos estudantes.

1.2

Como conectar com as disciplinas técnicas



Conectar-se com as disciplinas técnicas é reconhecer que os saberes que sustentam a ciência e a tecnologia também nascem de territórios, histórias e povos que foram historicamente invisibilizados.

Barbara Carine Pinheiro, Doutora e Professora na UFBA, provoca educadores e educadoras a repensarem o ensino de ciências a partir de uma perspectiva decolonial, que valorize epistemologias negras, indígenas e diaspóricas, e promova uma educação científica comprometida com a justiça social e a equidade.

ÁREAS TÉCNICAS, SABERES ANCESTRAIS E SÍMBOLOS QUE CONECTAM



MECÂNICA

Precisão, movimento, equilíbrio. Inspirada na engenhosidade africana ancestral presente em tecnologias como engenhos de irrigação, arquitetura e metalurgia.

Símbolo: Sankofa

Aprender com o passado para construir o futuro.



QUÍMICA

Transformação, composição, interação. Os conhecimentos ancestrais sobre plantas medicinais, mineração, metalurgia do ferro e cosméticos naturais revelam sofisticadas práticas químicas tradicionais.

Símbolo: Nkyinkyim

Iniciativa, versatilidade e adaptabilidade.



DESIGN

Criação, forma, função e estética. Os padrões visuais africanos expressam sistemas de comunicação, identidade e soluções inteligentes para o cotidiano e o coletivo.

Símbolo: Dwennimmen

Humildade, força e aprendizado contínuo.



DECOLONIZAR O ENSINO DE CIÊNCIAS É:

- ▶ Reconhecer múltiplas formas de produzir conhecimento.
- ▶ Valorizar contribuições africanas, indígenas e diaspóricas nas ciências e tecnologias.
- ▶ Questionar a centralidade eurocêntrica dos currículos e referências.
- ▶ Promover práticas pedagógicas antirracistas e transformadoras.

EXEMPLO 1:

METALURGIA, CIÊNCIA E PERSISTÊNCIA

Uma proposta de aula interdisciplinar que conecta o orixá Ogum à tecnologia do ferro, à ciência dos materiais e à transformação social na África.



OBJETIVOS

- Compreender a importância do ferro na história da humanidade e o seu papel na formação e expansão dos grandes Estados africanos.
- Relacionar o arquétipo de Ogum aos conhecimentos metalúrgicos tradicionais e à inovação tecnológica.
- Desenvolver o pensamento científico por meio da observação, experimentação e análise crítica.
- Promover o "aquilombamento" no ensino de ciências, valorizando os saberes ancestrais africanos para resgatar a dignidade histórica e intelectual da população negra.



ATIVIDADE PRÁTICA

1. **Contextualização:** Apresentar imagens de ferramentas de ferro antigas e atuais. Discutir: Quem foi Ogum? Qual sua relação com o trabalho, a tecnologia e a proteção? Explicar como a posse da tecnologia do ferro e o ofício dos ferreiros conferiram superioridade agrícola e militar, impulsionando o nascimento de vastos impérios africanos como no Sudão, como Gana e Kanem.
2. **Experimento:** Observar diferentes tipos de metais (ferro, aço, alumínio). Testar propriedades como magnetismo, resistência e maleabilidade. Discutir brevemente o complexo processo físico-químico ancestral de redução do minério em fornos de argila e a separação da escória, dominado há milênios no continente.
3. **Produção:** Em grupos, criar um protótipo de ferramenta ou objeto inspirado nos instrumentos precisos associados a Ogum. Registrar o processo e os materiais utilizados.
4. **Pesquisa:** Investigar os antigos Fornos de Aço africanos e os grandes sítios arqueológicos que atestam a imensa escala da produção metalúrgica no continente africano (ex.: a cultura Nok, os grandes montes de escória de Meroé, a arte de Ifé e a indústria dos Njanja).



DEBATE

- Como o conhecimento metalúrgico (e a consequente vantagem técnica) contribuiu para a criação de elites governantes e a difusão da ideia de Estado na África Antiga?
- Ogum é apenas uma figura religiosa ou deve ser visto também como um símbolo histórico de conhecimento, disciplina e inovação tecnológica?
- De que forma a ciência moderna pode dialogar com os saberes tradicionais, promovendo uma educação antirracista e decolonial?



Ogum abre caminhos com inteligência, trabalho e precisão. Assim também a ciência africana transformou, desde a antiguidade, as bases do nosso mundo.





EXEMPLO 2:

EDIFICAÇÕES E A SABEDORIA DA TERRA

Uma proposta de aula interdisciplinar que conecta a ancestralidade e a filosofia do cuidado com a Terra às tecnologias sustentáveis de construção em argila (banco, adobe e taipa).



OBJETIVOS

- Compreender a relação filosófica e ancestral dos povos africanos e afrodiáspóricos com a Terra, reconhecendo as técnicas sustentáveis de adobe e taipa como expressões de sabedoria e engenharia.
- Conhecer a história da arquitetura monumental africana em terra crua, rompendo com estereótipos eurocêntricos sobre as edificações do continente.
- Aplicar na prática conceitos da disciplina de "Materiais de Construção" (materiais argilosos) e "Tecnologia das Construções".
- Promover o "aquilombamento" no ensino técnico, valorizando tecnologias tradicionais como soluções contemporâneas de sustentabilidade.



ATIVIDADE PRÁTICA

- **Contextualização:** Leitura e discussão sobre o que significa construir em harmonia com os ciclos da natureza. Apresentação de imagens da arquitetura monumental africana em terra crua (banco), como as célebres mesquitas do Mali (Djenné e Tombuctu), que utilizam terra batida reforçada por armações de madeira, e a técnica milenar das "abóbadas núbias" construídas com tijolos crus.
- **Experimento (Mão na Terra):** Análise e toque de diferentes materiais construtivos naturais (amostras de diferentes solos/terra, areia, água e fibras naturais). Testar a plasticidade, a liga e a resistência das misturas argilosas, conectando o experimento aos ensaios de "Materiais de Construção".
- **Produção:** Em grupos, vivenciar o trabalho coletivo e confeccionar mini blocos de adobe ou pequenos painéis de taipa de mão, registrando os traços (proporções) da mistura e o processo de secagem natural.
- **Pesquisa:** Investigar as antigas cidades e complexos urbanos africanos erguidos com engenharia de terra e tijolo cru muito antes do contato europeu, como os sítios de Tegdaoust, Kumbi-Saleh e Jenné-Jeno.



DEBATE

- Como a substituição histórica das técnicas tradicionais de terra (adobe/taipa) por materiais industriais (concreto/cimento) impactou a sustentabilidade e a identidade cultural das habitações?
- Por que a genialidade da arquitetura de terra na África (que ergueu palácios, mesquitas e cidades inteiras) foi historicamente inferiorizada e não é ensinada nos cursos tradicionais de engenharia e edificações?
- De que forma podemos projetar o futuro das moradias urbanas unindo as exigências da construção civil moderna ao respeito ecológico da "Sabedoria da Terra" dos nossos ancestrais?



EXEMPLO 3:

ARTES, DESIGN E A GEOMETRIA DOS SÍMBOLOS



SANKOFA

Voltar e buscar o que foi esquecido para construir o futuro.

...

Uma proposta de aula interdisciplinar que conecta a filosofia dos ideogramas africanos (como os símbolos Akan/Ashanti e os desenhos Sona) ao ensino da composição visual, do desenho técnico e da abstração geométrica.

OBJETIVOS



- Conhecer a origem, o significado e o contexto dos sistemas gráficos africanos, reconhecendo a arte visual como uma linguagem portadora de valores, ética e sabedoria histórica.
- Analisar os elementos da linguagem visual (linha, forma, padrão e simetria) presentes nas composições africanas, atendendo aos objetivos das disciplinas de Artes e Desenho Técnico.
- Explorar a abstração geométrica como linguagem de criação e desconstruir estereótipos, comprovando que as antigas sociedades africanas possuíam complexos sistemas de registro muito além da oralidade.
- Desenvolver uma composição autoral inspirada nos princípios do design ancestral.

ATIVIDADE PRÁTICA



- **Contextualização:** Apresentar aos alunos as diversas escritas e pictogramas africanos (Nsibidi, Vai, Bamum, etc.). Focar nos ideogramas do povo Ashanti (Adinkra), mostrando como eram finamente cinzelados no metal de recipientes (forowa e kudu) ou em tecidos para expressar provérbios e conselhos morais. Apresentar o conceito Sankofa.
- **Experimento (Análise Visual e Geométrica):** Observar os símbolos e analisar seus elementos de linguagem visual (ritmo, equilíbrio, repetição). Introduzir o estudo da matemática e simetria contidas na arte africana, como a geometria dos fractais ou a complexa construção lógica por trás dos desenhos Sona.
- **Produção:** Utilizando materiais de Desenho Técnico (papel, lápis, régua, compasso) ou recursos de Artes (tintas, colagem, softwares de vetorização), criar em grupos uma composição visual abstrata inédita, aplicando padrões geométricos e simetrias inspiradas nos símbolos estudados.
- **Pesquisa:** Investigar o impacto histórico da substituição dos belos artefatos artesanais africanos (carregados de ideogramas e significados) por produtos padronizados pela indústria europeia durante o período colonial.

DEBATE



- Como a integração do estudo da arte e da geometria africana (como os símbolos Ashanti e os desenhos Sona) ajuda a descolonizar as disciplinas de Artes e Desenho Técnico, que tradicionalmente focam apenas nas vanguardas europeias?
- A arte africana tradicional é apenas um objeto de apreciação estética ou uma “escrita sagrada” que materializa o pensamento e a identidade de um povo?
- Como os conceitos de forma, função e abstração presentes nos símbolos ancestrais podem inspirar soluções inovadoras no design, nas edificações e nas artes visuais contemporâneas?

NOSSA JORNADA, NOSSO FUTURO.

De África a EPT, percorremos caminhos de memória, resistência e esperança. Cada passo nos reconectou com nossas raízes e fortaleceu nosso propósito de transformar a Educação Profissional e Tecnológica com identidade e ancestralidade.

Relembrando nossa jornada:



1. NOSSAS RAÍZES

Reconhecemos a grandeza de África, berço de civilizações, saberes e valores que atravessam gerações.



2. A TRAVESSIA

Honramos a força dos que resistiram ao deslocamento forçado e mantiveram viva a chama da identidade.



3. PLANTAR E RESISTIR

Celebramos a luta e as contribuições dos povos africanos e afrodescendentes na construção do Brasil.



4. EDUCAR PARA TRANSFORMAR

Afirmamos a educação como caminho de libertação, autonomia e construção de futuros possíveis.



5. RUMO AO FUTURO

Assumimos o compromisso de uma EPT inclusiva, antirracista e conectada com nossa história e ancestralidade.



NENHUMA ÁRVORE É ALTA O BASTANTE PARA ABANDONAR AS SUAS RAÍZES.

*Nenhum rio é comprido o suficiente para esquecer sua nascente.
Reverenciar as origens, louvar os ancestrais e exaltar os primórdios
é sempre motivo de honra e alegria. — Baba King*



SANKOFA
Memória e sabedoria



GYE NYAME
Conhecimento universal



AYA
Resistência e perseverança



ADINKRAHENE
Liderança e excelência



NEA ONNIM
NO SUA A, OHU
Educação contínua

Aprofundando a EPT Afrocentrada

Um convite à continuidade do estudo e à
ampliação dos horizontes pedagógicos. Esta
seção reúne obras de referência, autores
fundamentais e documentos que sustentam a
construção de uma Educação Profissional e
Tecnológica genuinamente comprometida com
a descolonização do saber e o reconhecimento
das tecnologias ancestrais.



Educação Afrocentrada, Epistemologias e Descolonização do Saber



Molefi Kete Asante:

Historiador e filósofo estadunidense, é o principal desenvolvedor do conceito de Afrocentricidade, defendendo que as realidades africanas e diaspóricas devem estar no centro de tudo o que fazemos, para que os sujeitos negros definam sua própria história.

◆ **Obra sugerida:** *The Afrocentric Idea* (ou estudos gerais do autor sobre o tema).



Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo):

Pensador, lavrador e liderança quilombola brasileira, responsável por formular conceitos contracoloniais como a confluência, pautados na relação harmoniosa com a natureza e nos saberes comunitários.

◆ **Obra sugerida:** *Colonização, Quilombos: modos e significações.*



Sueli Carneiro:

Filósofa, escritora e ativista antirracista brasileira, fundamental para a denúncia e compreensão estrutural do epistemicídio — a destruição e invisibilização sistemática dos saberes de grupos subalternizados.

◆ **Obra sugerida:** *A construção do Outro como não-ser como fundamento do ser.*



bell hooks:

Teórica feminista, intelectual e educadora estadunidense, é uma das maiores referências em pedagogia engajada, defendendo uma educação que proteja a alma dos alunos e atue como prática de liberdade.

❖ **Obra sugerida:** *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.*



T. Obenga:

Egiptólogo, linguista e historiador congolês, é uma figura central na reconstrução da historiografia africana, atuando no combate direto às narrativas que excluem o continente do centro da civilização humana.

❖ **Obra sugerida:** *O Sentido da Luta Contra o Africanismo Eurocentrista.*

Racismo Estrutural, Branquitude e Identidade Nacional



Cida Bento:

Psicóloga e ativista brasileira, pioneira nos estudos críticos sobre a branquitude, desnudando como os privilégios raciais se estruturam de forma silenciosa e pactuada nas instituições.

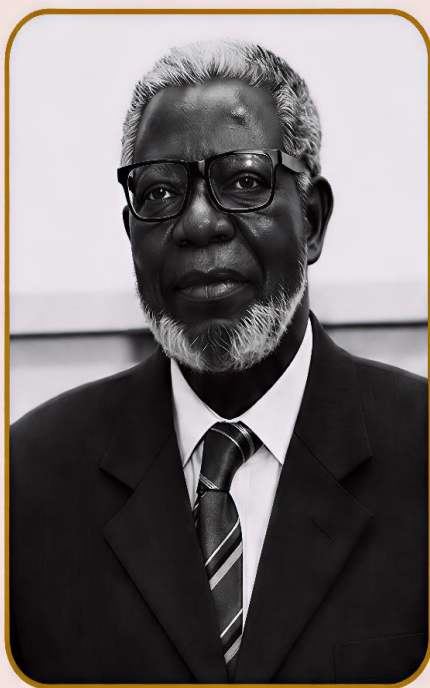
◆ **Obra sugerida:** *O Pacto da Branquitude.*



Achille Mbembe:

Filósofo, teórico político e historiador camaronês, é um dos intelectuais mais lidos da contemporaneidade, reconhecido por aprofundar os conceitos de biopoder e explicar como os Estados determinam quem deve viver e quem pode morrer.

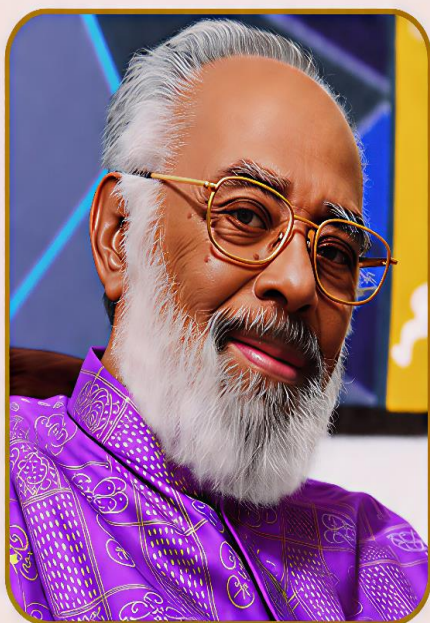
◆ **Obra sugerida:** *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte.*



Kabengele Munanga:

Antropólogo congolês, é uma autoridade no debate sobre racismo no Brasil, com trabalho essencial para a desconstrução do mito da democracia racial e a afirmação da identidade negra.

❖ **Obra sugerida:** *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.*



Abdias do Nascimento:

Intelectual, artista, político e líder histórico do movimento negro brasileiro. Seu trabalho é um pilar na denúncia internacional do racismo estrutural brasileiro e das políticas de branqueamento populacional.

❖ **Obra sugerida:** *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.*



Rodney William:

Antropólogo e babalorixá brasileiro, especialista no estudo das dinâmicas culturais entre racismo, mercado e religiões de matriz africana, destacando-se na diferenciação entre valorização e apropriação.

❖ **Obra sugerida:** *Apropriação cultural.*

Ciência, Tecnologia e Práticas Pedagógicas Antirracistas



Bárbara Carine Soares Pinheiro:

Doutora em Ensino de Química e educadora brasileira, dedica-se a descolonizar o ensino de ciências exatas e tecnológicas, resgatando o pioneirismo africano invisibilizado e propondo práticas docentes emancipatórias.

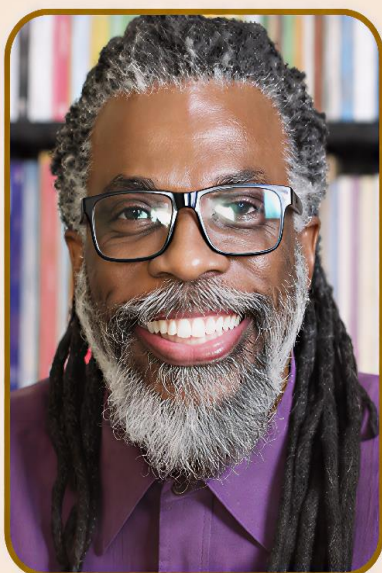
◆ **Obras sugeridas:** *História preta das coisas: 50 invenções científico-tecnológicas de pessoas negras* e *Como ser um educador antirracista*.



Shadreck Chirikure:

Arqueólogo e pesquisador zimbabuense com amplo trabalho sobre a inovação tecnológica na África Antiga, especialmente focado no domínio avançado da metalurgia, como a produção de ferro.

◆ **Obra sugerida:** *Geochemistry of Ancient Metallurgy: Examples from Africa and Elsewhere*.



Renato Nogueira:

Filósofo, educador e pesquisador brasileiro, atua na tradução de complexos sistemas de pensamento da filosofia africana em metodologias acessíveis para o ambiente escolar em conformidade com a Lei 10.639.

❖ **Obra sugerida:** *O ensino de filosofia africana e a lei 10.639.*



Djamila Ribeiro:

Filósofa, escritora e ativista brasileira, responsável por popularizar debates essenciais sobre feminismo negro e antirracismo, traduzindo conceitos complexos em ações práticas para o cotidiano.

❖ **Obra sugerida:** *Pequeno manual antirracista.*

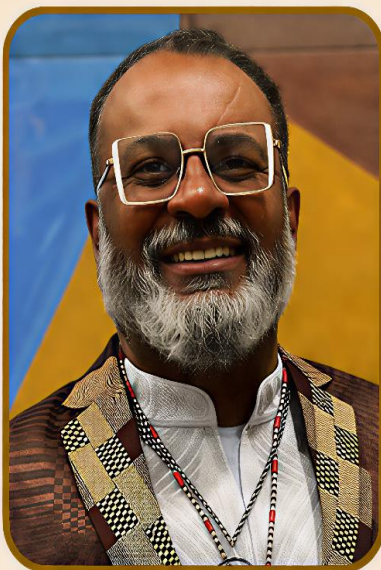


Coleção UNESCO (Vários Autores):

Um consórcio dos maiores historiadores e pesquisadores de diversas partes do mundo (como Joseph Ki-Zerbo e Gamal Mokhtar) que compilou a mais rigorosa obra sobre o continente africano, reescrevendo a história sob uma perspectiva descolonizada.

❖ **Obras sugeridas:** *História geral da África I: Metodologia e pré-história da África e História geral da África II: África antiga.*

Filosofia Africana, Cosmovisão e Valores Civilizatórios



Sidnei Nogueira:

Semiólogo, babalorixá e pesquisador brasileiro, atua criticamente no combate ao racismo religioso, oferecendo bases intelectuais para a defesa da liberdade de crença e o respeito aos cultos de matriz africana.

◈ Obra sugerida: *Intolerância religiosa.*



Sikirù Sàlámí (Bàbá King):

Sikirù é sociólogo, Mestre e Doutor pela USP e babalorixá nigeriano, sendo uma das maiores autoridades nas tradições iorubás;

◈ Obras sugeridas: *Exu e a Ordem do Universo e Omoluwabi, Alakoso, teu caráter proferirá sentença a teu favor!*



Muniz Sodré:

Sociólogo e jornalista, sua obra propõe o abandono das lentes eurocêntricas para compreender a complexidade e a riqueza da matriz filosófica africana que estruturou o Brasil.

Referências



ALI HAKEM, A. M.; HRBEK, L; VERCOUTTER, J. A civilização de Napata e Méroe. In: MOKHTAR, Gamal (ed.). **História geral da África II: África antiga**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p. 297-332.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 31 maio 2026.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do Outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CHIRIKURE, S. **Geochemistry of Ancient Metallurgy: Examples from Africa and Elsewhere**. Cape Town: Elsevier Ltd., 2014.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. ISBN 978-85-7753-214-8.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2010. ISBN 978-85-249-1616-8.

HAALAND, Randi. The Meroitic Empire: Trade and Cultural Influences in an Indian Ocean Context. **African Archaeological Review**, [S. l.], v. 31, p. 649-673, 2014. DOI: 10.1007/s10437-014-9169-0.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KI-ZERBO, J. (ed.). **História geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

MAZRUI, A. A.; AJAYI, J. F. A. (ed.). **História geral da África VIII: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, 2010.

MIGUEL, Vanessa Balbina da Silva Lopes. **BoaMática: aquilombamentos para o ensino da Matemática**. 2024. 113 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino em Educação Básica) - Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

MOKHTAR, Gamal (ed.). **História geral da África II: África antiga**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **História preta das coisas: 50 invenções científico-tecnológicas de pessoas negras**. 1. ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2021.

REHREN, Thilo. Meroe, Iron and Africa. **Nachrichten aus dem Richard-Lepsius-Institut**, [S. l.], p. 102-109. Disponível em: <https://journals.ub.uniheidelberg.de/index.php/mittsag/article/download/93822/88515>. Acesso em: 22 jun. 2026.

RUFINO, Luiz. **Exu e a pedagogia das encruzilhadas**. 2017. 231 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009. SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

VERCOUTTER, J. Descoberta e difusão dos metais e desenvolvimento dos sistemas sociais até o século V antes da Era Cristã. In: KI-ZERBO, Joseph (ed.). **História geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p. 803-832.



A ÁFRICA que nos Ensina

A África que nos Ensina é um convite à escuta, ao reconhecimento e à valorização dos saberes africanos e afrodiaspóricos que sustentam vidas, comunidades e cosmovisões. Mais do que história, esta cartilha é memória viva. Mais do que conteúdo, é caminho. Ao entrelaçar educação, ancestralidade, cultura e território, a obra propõe um olhar sensível e crítico sobre as contribuições civilizatórias da África para o mundo e, em especial, para o Brasil. Uma leitura indispensável para educadores(as), estudantes, pesquisadores(as) e todas as pessoas comprometidas com uma educação antirracista, emancipadora e transformadora.

◆ SOBRE OS AUTORES ◆

Raquel Pontes é servidora pública no Instituto Federal de Minas Gerais - IFMG. Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica no ProfEPT pela mesma instituição, tem direcionado sua trajetória acadêmica para a pesquisa sobre a Educação Afrocentrada e a efetivação da Lei 10.639/2003 nos Cursos Técnicos Integrados. Acredita na educação como ferramenta de transformação social e na integração dos saberes africanos e afrodiaspóricos ao cotidiano escolar da EPT para uma formação integral e emancipadora.

Matheus Faleiros Silva é doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atua profissionalmente como professor efetivo de Sociologia no Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG). É docente e orientador no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), dedicando-se à pesquisa em Sociologia da Educação e Educação Profissional e Tecnológica.

*“O conhecimento é como um jardim:
se não for cultivado, não pode ser colhido.”*